

AS PROPRIEDADES CULTURAIS E O INGRESSO NA UNIVERSIDADE – ESTRATÉGIA FAMILIAR E REPRODUÇÃO SOCIAL

Guiomar de Oliveira Passos (UFPI)

GT 17 - Educação, Sociedade e Cultura.

Introdução

Este trabalho expõe os dados obtidos num levantamento sócio-econômico e cultural, realizado com alunos do curso de Serviço Social. As questões investigadas são as seguintes: qual o capital econômico e cultural desses alunos? Frequentam outro curso superior? Qual o nível de instrução dos pais e mães? Quais são suas práticas culturais? Em síntese, o que se quer responder é o seguinte: quem é o aluno do curso de Serviço Social?

A coleta de dados foi realizada com uma turma, através de um instrumento composto por 26 questões, respondido por 37 alunos, o que num universo de 40 alunos, representa 92,5%.

O instrumento utilizado, um questionário, composto de perguntas abertas e fechadas, enfocou os seguintes aspectos:

- Caracterização do sujeito – idade, sexo, estado civil, bairro de residência; situação acadêmica;
- Condição sócio-econômica – exercício da atividade remunerada; tipo de dependência em relação à família, frequência à pré-escola (maternal, jardim, etc)¹; tipo de escola em que realizou o ensino fundamental e o ensino médio; realização de curso de língua estrangeira; realização de curso de computação; posse de computador em casa; acesso à rede mundial de computadores;
- Situação cultural - grau de instrução do pai; grau de instrução da mãe; frequência à pré-escola; conclusão do ensino médio e ano de ingresso na Universidade Federal do Piauí; realização de cursos extra sistema de ensino (língua estrangeira, computação);
- Práticas culturais - acesso à Internet; frequência à teatro; museus; shows musicais; bibliotecas; cinemas; estádio de futebol; festas dançantes; leituras preferidas; aquisição de livros e número de livros lidos por ano.

Este instrumento de coleta de dados foi utilizado apesar de envolver questões – sobre as práticas culturais - em que os sujeitos investem valores e, portanto, são levados, às vezes inconscientemente, a fornecer respostas que consideram mais nobres. Ele se impunha dada a natureza estatística da maioria dos dados pesquisados, pelo desejo de cobrir todo o universo e pela possibilidade, em outra etapa da pesquisa, complementá-lo com outros instrumentos.

O objetivo desse levantamento é determinar, o volume de capital econômico e cultural dos alunos do curso de Serviço Social bem como verificar o peso desse segundo tipo de propriedade no conjunto dessas posses. Constitui uma etapa preliminar de uma pesquisa mais ampla sobre a herança cultural dos alunos do curso de Serviço Social e a relação entre essa herança e o desempenho acadêmico destes. Essa pesquisa, intitulada “*A herança cultural dos alunos do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí: pista para superação de*

¹ - A frequência à Pré-escola ainda que constitua parte da trajetória escolar e se constitua indicador da valorização da escola e, portanto, de um certo *ethos*, ou seja, capital cultural, dada a sua exclusão do sistema público de ensino enquanto etapa obrigatória, se constitui um indicador de capital econômico.

alguns problemas da formação profissional”, apresentada, em 2004, ao Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Piauí, encontra-se em fase inicial.

Esse levantamento, portanto, representa o momento de aproximação com o universo da pesquisa, em termos tanto da pertinência dos instrumentos metodológicos escolhidos quanto do peso do capital cultural no conjunto das propriedades destes alunos, posto que o ponto de partida adotado é de que dedicação, esforço e investimento na carreira escolar dependem do volume de capital cultural possuído pelos sujeitos. Ou seja, que as disposições e estratégias mobilizadas durante a trajetória escolar variam de um grupo social para outro; aqueles que têm maior volume de capital cultural tendem a investir mais em capital cultural; e os que têm menos a conferir menor importância a esse tipo de investimento.

A relação entre desempenho escolar e herança familiar, sobretudo cultural, constitui um modo de interpretar a educação e a escola, que foi introduzido por Pierre Bourdieu na década de 1960. Segundo Nogueira e Nogueira (2002), Bourdieu, nesse período, provocou “uma verdadeira revolução científica”, ao fazer “uma inversão total de perspectiva” na análise da educação em que esta “perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais”.

Nessa inversão, diminui o peso do fator econômico nas desigualdades no interior do sistema de ensino e atribui ao capital cultural posição destacada na definição do destino escolar ou na conformação da trajetória dos agentes nas instituições de ensino. A propriedade de tais bens favoreceria o desempenho, explicam Nogueira e Nogueira (2002), porque “facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares”, posto que a aproximação com os conhecimentos tidos como legítimos e a convivência com a língua culta no cotidiano do universo familiar, “funcionariam como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar” além do que “propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação”, já que os comportamentos, estilo de falar e de escrever, exigidos pelo sistema escolar, só podem ser cumpridos por aqueles socializados conforme essas regras e valores, os culturalmente favorecidos.

Essa sociologia constitui, conforme avaliam esses autores, “ainda hoje, se não o mais importante, certamente um dos mais importantes paradigmas utilizados na interpretação sociológica da educação”, inspirando estudos de pesquisadores brasileiros como Nogueira (2000) e Almeida (2002), dentre outros. O quadro teórico oferecido por essa sociologia bem como as indicações metodológicas apresentadas na experiência desses pesquisadores constituem a base da análise dos dados levantados.

A exposição está dividida em dois momentos. No primeiro, caracterizam-se os sujeitos da pesquisa, enfocando a ‘bagagem’ cultural possuída bem como suas disposições e investimento em termos desse tipo de posse e no segundo, define-se o volume de capital que possuem.

Caracterização:

Os alunos pesquisados do curso de Serviço Social na Universidade Federal do Piauí, 83,79% são do sexo feminino, mantendo a histórica tradição desse curso como uma profissão feminina. Têm entre 18 e 40 anos de idade, sendo que 35,1% com 18 anos e 27% com 19 anos, o que significa que 62,2% estão na faixa de 18-19 anos de idade e, por conseguinte, tiveram um fluxo escolar regular, ou levemente atrasado. Os 37,8% restantes estão na faixa de 20 a 40 anos, apresentando, portanto, atrasos variados em suas trajetórias escolares: 24,3% estão com 20 anos, ou sejam, com dois anos de atraso escolar; 5,4% com idade entre 23 e 24 anos, ou com atraso

superior a 5 anos e 2,7% com 40 anos, representando a parcela da população com mais idade que vem retornando ou retomando os estudos, especialmente o ensino superior, nos últimos anos.

A pequena distorção idade-série fica mais evidenciada quando se verifica que 83,3% desses alunos concluíram o ensino médio entre no mesmo ano em que realizaram vestibular ou no ano anterior, sendo a maioria (58,3%) no ano em que realizaram o vestibular. Assim, são alunos em que a trajetória escolar não sofreu solução de continuidade, muitos deles, tendo sido aprovado no vestibular na primeira oportunidade em que o realizaram.

Desses, 27,8%, no ano em que realizaram vestibular para o curso de Serviço Social, também foram aprovados no vestibular de outros cursos, ou seja, prestaram vestibular e foram aprovados em dois cursos ao mesmo tempo. Fazer dois cursos é uma realidade para 14% dos alunos, dos quais, apenas 2,8%, estão fazendo após a conclusão do primeiro, os demais, realizam dois cursos ao mesmo tempo.

Isso, por um lado, pode ser reflexo da expansão do ensino superior local, com a instalação de muitas escolas privadas e expansão de oferta no ensino superior estadual, e também um indicador da fragilidade na escolha profissional. Mas, por outro lado, no aspecto que interessa a essa pesquisa, evidencia que se trata de uma população com propensão a investir no capital cultural, aumentando-o ou mesmo dotando-o de um bem valioso, o título escolar do ensino superior.

Esse título constitui parte das propriedades de apenas 8,1% dos pais e 20,8% das mães. A escolaridade de pais e mães apresenta várias diferenças: 24,3% dos pais têm ensino médio concluído enquanto que entre as mães esse é um título possuído por 35,1%; os pais são em maior número entre aqueles que têm o ensino médio incompleto, 24,3%, contra 21,6% das mães, no que é similar em relação ao ensino fundamental incompleto: 29,7% dos pais contra 13,5% das mães. Eles são em igual número apenas em relação ao ensino fundamental concluído, 3%.

A superioridade feminina - 54% das mães têm no mínimo o ensino médio, enquanto entre os genitores masculinos essa taxa é de 35,1% - constitui fator relevante na compreensão da definição da estratégia familiar, posto que a essa, tradicionalmente e historicamente, tem sido atribuída a incumbência de educar e cuidar dos filhos e, por conseguinte, influenciando ou definindo suas escolhas. Nos estudos realizados sobre a longevidade escolar em famílias de camadas populares como os de Viana, Pontes e Almeida (2000), a figura materna tem sempre participação destacada no sucesso dos indivíduos que, a despeito das condições econômicas, sociais e culturais desfavoráveis, chegam à universidade.

Entre os sujeitos pesquisados esse fator adquire maior relevância, posto que 51,3% são professoras ou donas de casa, o que tanto indica maior propensão a valorizar o capital cultural quanto significa dispor de tempo para se dedicar ao acompanhamento da vida escolar dos filhos além de, no caso das professoras, possuírem a competência necessária para auxiliar nas atividades escolares, conhecerem a dinâmica e regras do sistema de ensino e, no geral, falarem a mesma linguagem² desse universo.

As demais mães são: comerciantes (13,5%); trabalhadoras autônomas (8,1%); aposentadas (8,1%); funcionárias públicas (4,5%); profissões diversas – balconistas, lavadeira; contabilistas - (18,9%). Os pais são: autônomos (17,6%); comerciantes (14,7%); funcionários públicos (11,8%); motoristas (8,8%); aposentados (5,9); técnicos de nível médio (5,9%); eletricitas (5,9%); profissões diversas – militar, pastor evangélico, vigilante, técnico agrícola; professor, mecânico, lavrador - (23%).

² - A linguagem, segundo Bourdieu (1998), constitui fator relevante de adaptação ou marginalização dos sujeitos no espaço escolar.

O título escolar, ainda que seja um capital cultural, oferece indicações sobre o nível sócio-econômico dos sujeitos pesquisados, posto que definidor ou, no mínimo, delimitador da posição no mercado de trabalho. No geral, essas são profissões que indicam rendimentos inferiores ou médios.

Contudo, apesar desse reduzido capital econômico, 100% dos alunos pesquisados não exercem atividade remunerada e dependem totalmente ou parcialmente dos pais, respectivamente, 86,5% e 8,1%. Além disso, 59,5% realizaram o ensino fundamental em escolas privadas e 73% cursaram o ensino médio em escolas desse tipo.

Verifica-se, portanto, que a educação dos filhos se constitui um investimento para essas famílias, oferecendo-lhes, a despeito do escasso capital econômico que dispõem, acesso a escolas privadas e garantindo-lhes não apenas o tempo livre necessário à dedicação aos estudos como também os liberando da inserção no mercado de trabalho ou de auxiliarem na complementação da renda familiar.

Portanto, para essas famílias, a manutenção dos filhos no sistema escolar e, em conseqüência, a obtenção do título escolar do ensino superior deve significar renúncia a aquisição de muitos bens e o usufruto de vários prazeres, em síntese, um verdadeiro sacrifício. O que indica ser parte de uma estratégia de reprodução social em que a escolarização é um meio de ascensão social, possivelmente um reflexo da superioridade cultural feminina no universo familiar ou, dada a escassez de capital econômico, considerarem ser essa a única alternativa vislumbrada para que seus filhos possam pleitear dias melhores.

Talvez, conjectura-se, com grande possibilidade de acerto, estejam ancorados na idéia da escola como fator de correção das desigualdades sociais, ou de mudança social tão difundida pelas classes dominantes³, especialmente na década de 1960 e 1970, e tão entranhada tanto entre as classes médias quanto entre as classes populares. Otimismo que não foi arrefecido nem mesmo diante dos limitados resultados da ampliação do acesso à educação, verificados nas décadas de 1980 e 1990.

As famílias, portanto, estariam investindo – tempo, dedicação e recursos financeiros – na carreira escolar de seus filhos por acreditarem no êxito de tal empreendimento tanto em termos de uma melhor inserção no mercado de trabalho – principalmente, em relação às suas ocupações e/ou funções - quanto em termos de relações sociais. Sustentam a expectativa de mobilidade social através da escolarização.

O segundo curso realizado no mesmo ano de aprovação no vestibular do curso de Serviço Social, por parte considerável dos pesquisados (37,8%), significa, portanto, tornar mais rentável esse empreendimento, ou, dizendo de outro modo, duplicar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e as chances nos demais mercados. Assim é que 64,9% fizeram curso de computação apesar de 75,7% não terem computador em casa.

Trata-se, portanto, diante do volume de capital econômico e cultural que essas famílias possuem, um investimento significativo na carreira escolar dos filhos, em que os riscos do empreendimento são diminuídos através da mobilização de recursos que potencializam o valor dos títulos escolares, especialmente, dentro do mercado de trabalho. Desse modo, maximizam o rendimento do investimento, favorecendo para que os filhos alcancem um nível socioeconômico superior ao seu.

³ - A idéia da educação como agente de mudança social nos estudos educacionais e nas políticas educacionais, especialmente, na Lei de Reforma do Ensino Básico e Secundário (Lei nº 5692/71) e na Lei de Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540/68) é objeto de análise de Sobral (1980 e 2000).

O investimento dá-se na justa medida da necessidade de melhoria das posições, especialmente, nos campos econômico e social. Assim é que apenas 18,9% realizaram curso de língua estrangeira fora do sistema regular de ensino; pouco mais da metade (54,1%) fazem uso da rede mundial de computadores e a maioria tem como prática cultural apenas visitas à bibliotecas (89,2%); frequência à cinemas (73%) e shows musicais (64,9%). Ir à festas dançantes é prática de 43% e ao teatro de apenas 24,3%. Museus e estádio de futebol são freqüentados por 2,7% dos sujeitos da pesquisa.

A leitura, aspecto de particular interesse para esse estudo, constitui prática de todos; conforme declararam, gostam de ler, preferencialmente, livros e revistas, mas também jornais. Lêem, em média 08 livros por ano; alguns (38%) de 2 a 4; outros (14%) de 5 a 7; 32% de 8 a 10 e 16% mais de 10. Considerando que um aluno que tem o seu tempo totalmente dedicado ao estudo cursa em torno de 10 disciplinas por ano, significa que, em média, lê-se menos de um livro por disciplina. Além do que, não se pode esquecer que, em sendo essa uma prática socialmente valorizada e, o dado obtido através de declaração e não da observação direta, a resposta pode estar ‘contaminada’ pela necessidade de demonstrar aproximação, nem que seja por meio do discurso, da prática reconhecida como legítima.

A aquisição de livro ocorre, principalmente, segundo informaram, quando têm interesse por aquela obra, ainda que a exigência do professor e a disponibilidade de recursos financeiros sejam fatores condicionantes, por vezes determinantes para tal, especialmente, o segundo fator. A leitura, portanto, depende, em vista do exíguo capital econômico que dispõem, da frequência à biblioteca e essa, conforme já foi exposto, ainda que seja prática da maioria, não é de todos. Reforçando a suposição de que o ‘amor pela leitura’ que declararam é apenas isso, uma declaração.

Observa-se, portanto, que o investimento é voltado, prioritariamente, para a ampliação do capital econômico e social; a ampliação do capital cultural dá-se apenas na medida da necessidade de melhoria das posições econômicas e sociais. Se vão auferir os resultados esperados, dado que o retorno propiciado pelos títulos escolares depende também da mobilização de outros capitais – econômico, de relações sociais. – para que seja potencializado o seu valor é uma questão que precisa ser examinada.

Também é preciso verificar, como o desempenho escolar, necessário à obtenção do título escolar, é afetado pela ‘bagagem’ herdada por esses indivíduos, ou seja, como o volume de capital econômico e cultural daqueles que ingressam na universidade afeta a aquisição do título escolar prestigiado, o diploma universitário. É essa a questão investigada na pesquisa mais ampla da qual o levantamento aqui exposto se constitui apenas uma primeira aproximação.

No item seguinte, analisar-se-á, conforme proposto, as contribuições desse levantamento socioeconômico e cultural para essa pesquisa, especialmente, em termos do volume de capital econômico e cultural dos alunos do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí.

O significado dos números

Esses dados permitem determinar, como era objetivo desse levantamento, o volume de capital econômico e cultural dos alunos de uma turma do curso de Serviço Social da

Universidade Federal do Piauí bem como verificar o peso desse segundo tipo de propriedade no conjunto dessas posses. Para isso, adotar-se-á os seguintes procedimentos⁴:

- Nível econômico (NE) - soma das seguintes variáveis: grau de instrução do pai; grau de instrução da mãe; frequência à pré-escola; tipo de escola em que realizou o ensino fundamental; tipo de escola em que realizou o ensino médio; realização de curso de língua estrangeira fora do sistema formal de ensino; realização de curso de computação; existência de computador em casa; fazer uso da rede mundial de computadores.
- Nível cultural (NC) - soma das seguintes variáveis: frequência à pré-escola; fazer uso da rede mundial de computadores; frequência ao teatro; frequência à biblioteca; frequência ao cinema.
- Volume de capital global (VCG) – total obtido no nível econômico, subtraído das variáveis frequência à pré-escola e uso da rede mundial de computadores mais total obtido no nível cultural. Assim, $VCG = NE - (FPE + UI) + NC$.

Tendo por base esses procedimentos, verificou-se que o nível econômico varia entre 5 e 19, ou seja, o menor é 5 e o maior 19. A média é 12, sendo que: 19% obteve 5 a 8 pontos; 35% de 9 a 12; também 35% conseguiram 13 a 16 pontos e 11% está entre 17 a 19. Assim, a maioria encontra-se abaixo da média do grupo.

Se esse fosse um campo econômico, isto é, uma parte do espaço com leis próprias em que atores, hierarquicamente situados, lutam entre si em torno do capital econômico, afirmar-se-ia que 11% ocupam posição dominante, pois têm maior volume de capital econômico; 19% estariam em posição dominada e os 70% restantes ocupariam posição média, sendo 35% ‘média-baixa’ e 35% ‘média-alta’. Os alunos pesquisados não constituem um campo social, contudo, a hierarquização possibilita que se tenha idéia da estrutura de distribuição desse capital específico.

Em termos de nível cultural, constatou-se que o menor número de pontos obtido é 1, o maior é 6 e a média é 3, sendo que: 5% somou 1 ponto; 19% totalizou 2; 22% conseguiu 3; 35% teve 4 pontos; 16% obteve 5 e 3% o total de 6 pontos. A maioria (54%), portanto, situa-se acima da média. Estabelecendo-se, uma hierarquização entre esses sujeitos, tendo por princípio o volume de capital cultural, tem-se o seguinte: 3% seriam dominantes, pois têm maior volume; 5% estariam em posição dominada e os 92% restantes em posição média, sendo 19% ‘média-baixa’ e 51% ‘média-alta’.

Por conseguinte, com base nesse procedimento, a maioria dos sujeitos pesquisados, se fosse possível falar em campo social, ocuparia posição mais elevada num campo cultural do que num campo econômico. Isso expõe a estratégia familiar, pois se no aspecto econômico foram considerados dados relativos à família, nível de instrução do pai e da mãe, por exemplo, no aspecto cultural estão contidas informações relativas apenas ao aluno e, esses, possuem maior capital cultural do que seus genitores.

Somando-se esses dois, tem-se o volume de capital global. Esse determina, numa primeira dimensão, conforme Bourdieu (1996, p. 19) a posição do sujeito no espaço social. Não se têm elementos, posto que inexistem pesquisas com base nesse procedimento sobre a realidade teresinense ou piauiense, para se determinar a posição desses sujeitos nesses espaços sociais. Considerando apenas o universo pesquisado, tem-se a seguinte estrutura: uma variação de 6 a 21 pontos, média de 14, sendo que 8% tem 6 a 8 pontos; 14% somou 9 a 11 pontos; 32% totalizou 12 a 14; 27% conseguiu de 15 a 17 pontos; 19% teve 18 a 21 pontos. A maioria (54%), portanto,

⁴ - Utilizou-se, com algumas alterações, o procedimento adotado por Luiz Carlos Sales e Antonio de Pádua Carvalho na pesquisa “Trajetória escolar de futuros professores” apresentada ao Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC – UFPI/CNPq, 2003-2004/2004-2005.

situa-se acima da média. Estabelecendo-se, uma hierarquização entre esses sujeitos, tem-se o seguinte: 19% ocupam posição dominante; 8% posição dominada e os 73% posição média, sendo 22% ‘média-baixa’ e 46% ‘média-alta’.

O quadro, apresentado a seguir, sintetiza esses dados.

Posição na hierarquia	Capital Econômico %	Capital Cultural %	Volume de capital global %
Superior	11	3	19
Média-alta	35	51	46
Média-baixa	35	19	22
Inferior	19	5	8

Esses dados, se por um lado, mostra a alteração na estrutura de posições quando se introduz, na análise elementos culturais, um maior número de indivíduos passou para as posições médias – alta e baixa – e superior. Por outro lado, mostra o peso do capital cultural no conjunto das posses. Esse tipo de análise, segundo as indicações do autor acima citado (Bourdieu, 1996, p. 19), permite definir a posição do sujeito “de acordo com a estrutura do seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo dos diferentes tipos de capital, econômico e cultural, no volume global de seu capital”.

O capital cultural representa de 7% a 50% no volume global de capital, em média, 26%. Para a maior parte (63%), de 7 a 25%; para o restante (37%) de 26 a 50%, mais que um quarto. Assim, ele possibilita que um maior número de sujeitos ocupem posições de média para cima, tanto quando considerado isoladamente, quando na composição do volume global das posses, chegando a significar para alguns, a metade das propriedades.

Todos os modos de estruturar os sujeitos pesquisados, seja com base no capital econômico, seja no capital cultural, seja a partir do volume global de capital, verifica-se ser esse um grupo heterogêneo em que se tem sujeitos com diferentes tipos de propriedade, alguns podendo ocupar posições superiores, outros posições inferiores e uma maioria posições médias. Os ocupantes dessas últimas posições segundo Bourdieu (1989, p. 136), “devem um certo número de suas características mais típicas ao fato de estarem situadas entre os dois pólos do campo, no ponto *neutro* do espaço e de oscilarem entre as duas posições extremas” (grifos do autor). Tornam, de certo modo, ainda mais variado o conjunto de características do grupo.

Em relação ao capital cultural, que, conforme a perspectiva teórica adotada influencia mais o desempenho escolar que o primeiro, posto que determina o modo de recepção dos conteúdos transmitidos no universo escolar, tem-se alguns com apenas uma das propriedades consideradas enquanto outros têm seis dessas propriedades.

O levantamento sócio-econômico, ao caracterizar a heterogeneidade do grupo, mostrou a pertinência de se pesquisar a herança cultural dos alunos do curso de Serviço Social posto que essas diferenças de propriedades significam muitas outras diferenças: a primeira delas, no desempenho escolar, dado que as referências culturais, os conhecimentos legítimos, a aproximação ou distanciamento da língua culta facilita a recepção do discurso acadêmico, a compreensão dos textos e temas expostos e até mesmo o comportamento, um *ethos* diante dos procedimentos e exigências do universo escolar.

A segunda diferença diz respeito ao modo de encarar o empreendimento cultural. A dedicação, o esforço, a disponibilidade, maiores ou menores em relação ao estudo, às atividades

culturais por cada agente depende de suas posses, melhor dizendo, de sua posição, não só porque algumas atitudes - não trabalhar-, escolhas - compra de livro, ir ao teatro, ao cinema - requerem a posse de capital econômico como também a propensão para investir numa determinada atividade, qualquer que seja ela, depende das chances objetivas de sucesso.

A terceira é quanto ao sistema de disposições ou, na linguagem de Bourdieu (1994, p. 75), o *habitus*, pois esse serve para identificar os sujeitos e suas diferentes posições sociais ou origem – “os indivíduos vestem o *habitus* como habito” – e para ‘guiar’ o sujeito na definição das estratégias que estabelece em torno do seu empreendimento cultural, definindo o que e o que não pode resultar em sucesso.

O desconhecimento dessas e de muitas outras diferenças não apenas comprometem os resultados da prática educacional e, conseqüentemente, impedindo que a universidade cumpra sua função de disseminar a cultura e o saber legítimos, como também favorecem a manutenção das desigualdades e, principalmente, faz do sistema de ensino um poderoso instrumento de conservação do poder e dos privilégios.

É preciso, contudo, ir além dos dados estatísticos; investigar o *ethos* familiar – sistema de valores - especialmente, em relação às atividades culturais e à escola para que possam ser compreendidas as diferenças entre famílias da mesma posição, o modo como as famílias como os vários capitais são transmitidos aos filhos e como esses se apropriam da herança.

Isso requer ampliar o número de informantes, traçando o perfil econômico e cultural de todos os alunos do curso, mobilizar outros instrumentos de coleta de dados como a entrevista, a fim de que se possa ir além dos dados quantitativos e, principalmente, que o conhecimento obtido desses sujeitos sejam divulgados, propiciando a adoção de práticas pedagógicas que contemplem as diferenças e contribuam para alterar as relações de poder vigentes.

Bibliografia

ALMEIDA, Ana Maria F. e NOGUEIRA, Maria Alice (orgs). **A Escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz, Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. Reprodução cultural e reprodução social. IN: **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 296-336.

_____. Esboço de uma teoria da prática. IN: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu/Sociologia**. Trad. Paula Montero. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 46-81. (Col. Grandes Cientistas Sociais).

_____. **Razões Práticas: sobre uma teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa, Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. IN: Nogueira, Maria Alice & CATANI, Afrânio (Orgs). **Escritos de Educação**. Trad. Aparecida Joly Gouveia. 4ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002, p. 39-64.

NOGUEIRA, Maria Alice et alii (Orgs.) **Família e Escola**: trajetória de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins & NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade** [on line]. abr.2002. vol. 23. nº 78 [citado 4 de outubro de 2004], p. 15-35. Disponível em <<http://www.scielo.br>>.

SOBRAL, Fernanda Antônia Fonseca. **Educação e Mudança Social**. São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1980.

_____. Educação para a competitividade ou para a Cidadania Social. **São Paulo em Perspectiva (Revista da Fundação SEAD)**, vol.14, n. 11, jan-mar, 2000, p. 3-11.